

Nelson Mandela, uma experiência de educação para a Justiça

Chie Hirose¹

Resumo: Nelson Mandela foi considerado a personificação de “*ubuntu*”, a própria essência do humano, essencialmente fundamentada na abertura para o Outro. Já para Josef Pieper, o reconhecimento do direito do Outro é a base da justiça. Mandela se tornou um exemplo para a humanidade e a autora relata suas experiências de ensino sobre Madiba para crianças de escola pública em São Paulo.

Palavras-Chave: *Ubuntu*. Nelson Mandela. Abertura para o Outro. Josef Pieper. pensamento confudente.

Abstract: Abstract: Nelson Mandela has been regarded as the personification of “*ubuntu*”: the very essence of humanness/humanity, essentially founded on opening for other human beings. For Josef Pieper in turn recognizing other’s right is the basis of Justice. Mandela set an example for humanity and the author reports her experiences in teaching about Madiba for children of a public school in São Paulo.

Key-words: *Ubuntu*. Nelson Mandela. opening for other human beings. Josef Pieper.



Dedicado a Adineia Paula Ventura (*in memoriam*),
por sua discreta e heroica simplicidade e dignidade
de educadora na luta pela igualdade no Brasil.

Josef Pieper: a abertura para o outro

O artigo de Jean Lauand, neste dossiê, conclui com a sugestão de uma educação para a excelência humana e a abertura para o Outro, ideal que o autor resume na palavra bantu, *ubuntu*, qualidade atribuída unanimemente a Nelson Mandela.

Josef Pieper trata magistralmente da abertura para o Outro – ou, ao menos, o reconhecimento do direito do Outro – em seus estudos sobre a virtude da Justiça, que incluem também uma autêntica Filosofia da Educação.

¹. Doutora, Pós doutora e Pós doutoranda - Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

Pieper no capítulo “*El derecho ajeno*” (in 2000, 189 e ss.) foca precisamente nessa relação com o outro.

Começa evocando um curioso episódio, ocorrido em 1948 na comissão da ONU que preparava a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O delegado chinês (a China ainda não era comunista), professor de filosofia, comunicou que sua língua não dispunha de termos para “direitos humanos” e que a tradição chinesa abordava aquela temática de um ponto de vista diferente. Os colegas, surpresos, não sabiam que sua própria tradição ocidental também tratava dessa questão a partir daquele mesmo outro ponto de vista.

E é que na relação de justiça, prossegue Pieper, os antigos sempre enfatizavam não os legitimados, mas os obrigados: a preocupação do homem justo é a de dar ao outro o que lhe é devido (e não a de reivindicar o que ele mesmo está legitimado em receber). E evoca a sentença que Sócrates repete nos diálogos platônicos: “cometer uma injustiça é pior do que sofrê-la”. E Pieper (Pieper 2000, 190) ajunta: “A antiga doutrina da justiça não é, pois, primariamente, exposição de direitos que pertencem e que, portanto, podem ser reclamados, mas sim uma exposição e motivação do dever de respeitar direitos”.

Certamente, não se trata de uma desconsideração da importância da reivindicação do próprio direito, válida e, sobretudo em nosso tempo, até necessária. O que, sim, é de se promover também é o “outro ponto de vista”. Aquela tradicional ênfase nos obrigados aponta para as consequências de atentar contra o Outro; quando isto ocorre, o injusto atenta contra si mesmo e promove seu “*not to be*”, afasta-se do ideal de *abaeté*, do *ren*, do *OmO* de Dante, para evocar mais uma vez o artigo do Prof. Lauand, neste dossiê. A minha auto-realização como ser humano depende de minha abertura para o Outro. Essa esquecida ênfase pode, é claro, aumentar a eficácia das próprias reivindicações dos direitos dos legitimados, a partir do outro polo...

No elogio fúnebre de Mandela, o presidente Obama (2013) destacou precisamente sua personificação do *Ubuntu* e do poder educativo dessa realidade.

And finally, Mandela understood the ties that bind the human spirit. There is a word in South Africa—*Ubuntu*—a word that captures Mandela’s greatest gift: his recognition that we are all bound together in ways that are invisible to the eye; that there is a oneness to humanity; that we achieve ourselves by sharing ourselves with others, and caring for those around us.

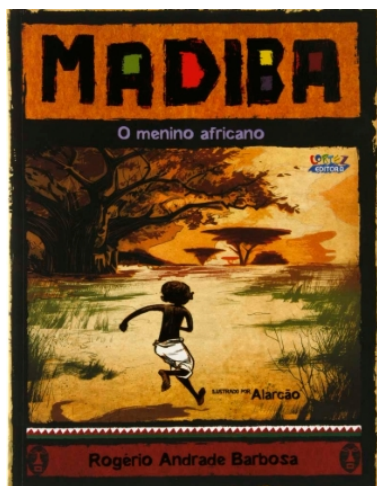
We can never know how much of this sense was innate in him, or how much was shaped in a dark and solitary cell. But we remember the gestures, large and small—introducing his jailers as honored guests at his inauguration; taking a pitch in a Springbok uniform; turning his family’s heartbreak into a call to confront HIV/AIDS—that revealed the depth of his empathy and his understanding. He not only embodied *Ubuntu*, he taught millions to find that truth within themselves.

Encontro e convivência com Mandela

Com a inspiração da inesquecível figura de Nelson Mandela, empreendi no início do ano letivo de 2013 (ele viria a falecer no final desse ano), uma experiência pedagógica com meus alunos do 1º. ano de Ensino Fundamental (EMEFM Vereador Antonio Sampaio, que atende comunidades da Zona Norte de São Paulo).

Tudo começou com a notícia, que abalou o mundo, de que Mandela estava muito doente e debilitado. Nesse dia quis compartilhar essa tristeza com meus alunos – de famílias que em geral têm pouco acesso a jornais – e adiantei a aula prevista no cronograma (como em todos os anos) sobre esse grande líder mundial.

Eles, de fato, nunca tinham ouvido falar de Mandela. Comecei por ler para eles um livro, de minha prateleira, sobre o menino Madiba (BARBOSA 2011). A partir das vivências de sua infância, o leitor vai tomando conhecimento da terrível realidade do *Apartheid*.



<http://alarchronicles.blogspot.com.br/2011/07/mandela.html>

Crianças do primeiro ano ficaram sensibilizadas ao saberem que o menino Madiba tinha ingressado na escola e que era o primeiro de sua comunidade a poder estudar... e surpresas ao tomarem conhecimento da necessidade de aquele menino ter de adotar um nome “adequado”, algo que fosse familiar para sua professora vinda da cidade: Nelson.

Para as nossas crianças, conhecer a vida de Mandela, de algum modo transportava-as para Johannesburgo e para as vicissitudes por ele enfrentadas. O impacto sobre nossos alunos, recém ingressados na escola, dava-se principalmente sobre as dificuldades das crianças sul africanas de ter acesso à escola por conta de sua cor; problema que entre nós formalmente não existe (o racismo brasileiro não atingiu esse nível de exclusão consubstanciado em lei...). Vendo a reação dos alunos, compartilhei o fato com a minha a parceira em Alfabetização da outra classe (1ªA), Profa. Mara Lígia Ribeiro Avanzi, e juntas resolvemos acompanhar a saúde Mandela.

Para aquelas crianças de 5 e 6 anos, o mais chocante foi descobrirem que o *apartheid* chegava aos bebedouros da cidade e incapazes de atinar com o racismo puro e simples, com grande esforço de imaginação, achavam que o privilégio da pele consistiria em dispor de água gelada (em um país também de clima quente).

Não foi preciso explicar sobre a necessidade de lutar pela igualdade, pelo repúdio à segregação, a injustiça do racismo etc.; a própria vida de Madiba já era eloquente discurso sobre tudo isso. Teria sido inútil para meus alunos uma pregação abstrata sobre “valores”; a melhor pedagogia (e para essa idade, a única) é sempre a do concreto: o exemplo de um personagem. Cabe aqui lembrar o maravilhoso confundente da língua espanhola: o da palavra *enseñar*, que significa indistintamente ensinar e mostrar. Só se ensina verdadeiramente mostrando!

Em dado momento, o grande choque: aquele herói foi encarcerado; o que descortinou para as crianças um novo modo de viver os ideais: a resistência da dignidade! Isto, em uma comunidade na qual as mães ensinam e exigem das crianças que nunca voltem para casa sem deixar de “acertar as contas” com quem as tenha agredido (o que entre os adultos da comunidade é levado até as últimas consequências...).

Precisamente aqui manifesta-se – de modo particularmente importante para nossas crianças – a grandeza paradigmática da vida de Mandela: a capacidade de – sem nunca abdicar da própria dignidade – perdoar e unir.

Em seus 27 anos de prisão, Madiba não pôde ver seus filhos crescerem nem se despedir da mãe em seu enterro, dois fatos particularmente sentidos por nossos alunos, pois muitos deles sabem bem o que é ter familiares e conhecidos presos e da alegria que é o dia do retorno temporário dos entes queridos no Dia das Mães, Natal ou Páscoa. Como seria estar vários anos sem ver a família? Sem poder voltar nem para ficar um final de semana sequer?

Neste, como em tantos outros pontos de meu “projeto Mandela”, realizou-se em mim aquele aspecto mais gratificante de ser professora: a encantadora surpresa de aprender com o olhar das crianças, muitas vezes tão inesperado quanto profundo.



As fotos prediletas do 1º ano B: Nelson Mandela junto com as crianças.

As crianças compartilhavam a euforia mundial quando da libertação de Mandela, sua ascensão política e seus inigualáveis lances para erradicar o *Apartheid*.

Acompanhando a trajetória desse grande líder, compreenderam muito bem o alcance das notícias sobre sua doença; inquietaram-se e – ante a impotência do triste desenlace que se prefigurava – espontaneamente fizeram aquilo que aprenderam a fazer quando ocorre o mesmo com alguém da própria família: pediram espaço para que pudessem fazer uma oração por esse querido amigo distante.

Lembramos do Edgar Morin que diz: “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (MORIN, 2001, p. 55).

A partir desse dia, queriam comentar em classe todas as notícias que tinham visto na televisão na noite anterior. Soube que também, muitos deles, convenceram seus pais (e, por meio deles, suas igrejas) a orarem por Mandela.



Crianças oram em frente ao Hospital do Coração Mediclinic, em Pretória (27/06/13)²
Nicollas, Lawyn, Carla, Pedro, Danilo, Kayllane, Juan pedem para rezar pelo Mandela, de repente, na sala³.

Os recortes do jornal de cada dia, que eu levava para a aula, eram avidamente vistos em pequenos grupos e sempre me pediam para levar para suas casas, principalmente as fotos em

² Fonte: <https://noticias.uol.com.br/album/2013/06/09/homenagens-a-nelson-mandela-pelo-mundo.htm#fotoNav=208> (acesso em: 30/04/2017).

³ Nicollas Alexandre Xavier de Lima, Pedro Henrique Loiola, Danilo Nelson Paulino da Silva, Kayllane Gomes da Silva, Juan de Queiroz Carvalho, Jhoycci Victoria Daniel de Oliveira, Jordan Aldo Camacho Mauri, Lais Rodrigues Renem.

que ele aparecia rodeado por crianças e as fotos dos pequenos sul africanos com velas e flores diante do hospital em que ele estava internado. Não sem antes compartilhar os jornais com a turma de Adineia Paula Ventura, uma extraordinária professora, que foi quem me incentivou a trabalhar com consciência negra antes mesmo de que se tornasse obrigação curricular pela Secretaria Municipal da Educação.⁴

E o texto que Adineia me indicou, em 2005, como leitura para as famílias que ela repetia todo ano na sua Reunião de pais foi um trecho extraído da publicação “Situação Mundial da Infância de Unicef” escrito justamente pelo Nelson Mandela⁵. Também foi ela quem me comentou sobre um livro interessante no qual o Mandela recolheu contos populares, parábolas e fábulas que ouviu quando era pequeno. Comentamos sobre a importância de resgatar esses contos orais para os nossos alunos.⁶

A professora Adineia era vista por eles (na verdade, por todos nós) como uma personalidade que – pela grandeza e história de vida – lembrava a magnitude de nosso personagem.

A saúde de Mandela continuava instável quando chegaram as férias de julho e as crianças espontaneamente comprometeram-se, entre elas, de não quebrar a corrente de solidariedade e acompanhamento do “querido amigo” nesse período. Ao tomar conhecimento dessa “promessa” entre elas, dei a cada um xerox com a foto de Mandela, que eles quiseram pintar e guardaram com carinho no estojo ou no bolso e trouxeram no primeiro dia de aula, após as férias.

4. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Tema transversal: “Pluralismo Cultural” da educação básica; Orientações e Ações para a Educação das Relações Etnicorraciais; Lei nº10.639/2003 e Lei nº11.645/2008. O material: São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. “Caderno de Orientações Didáticas: Educação Etnicorracial – Ciclo I –” São Paulo: SME/DOT, é datado em 2010.

5. Lembranças da Infância – Nelson Mandela

Minhas primeiras lembranças da infância são do vilarejo de Qunu, nas montanhas onduladas e nos vales verdes do território de Transkei, na região sudeste da África do Sul. Foi em Qunu que passei os anos mais felizes de minha meninice, rodeado por uma família tão cheia de bebês, crianças, tias e tios que não me lembro de estar sozinho em nenhum único momento em que eu estivesse acordado.

Foi lá que meu pai me ensinou pelo modo como vivia sua vida. O senso de justiça que carreguei comigo por todas as décadas que já vivi. Observando-o de perto, aprendi a defender e lutar por minhas crenças.

Foi em Qunu que minha mãe me deu as histórias que encheram minha imaginação, ensinando-me bondade e generosidade enquanto preparava as refeições em uma fogueira, mantendo-me alimentado e saudável. Em meus tempos de menino pastor, aprendi a amar o campo, os espaços abertos e as belezas simples da natureza. Foi naquele momento e naquele lugar que aprendi a amar esta terra.

Com meus amigos de meninice, aprendi dignidade e o significado da honra. Ouvindo e assistindo reuniões dos anciãos da tribo, aprendi a importância da democracia e de dar a todos uma chance de ser ouvido. E aprendi sobre o meu povo, a nação Xhosa. Com meu benfeitor e guia, o Regente, aprendi a história da África e da luta dos africanos para serem livres.

Foram esses primeiros anos que determinaram como seriam vividos os muitos anos plenos de minha longa vida. Sempre que paro um momento e olho para trás, sinto imensa gratidão por meu pai e minha mãe, e por todas as pessoas que me ajudaram a crescer quando eu era apenas um menino, e que me transformaram no homem que sou hoje.

Foi isso que aprendi enquanto criança. Agora que sou homem velho, são as crianças que me inspiram.

Meus queridos jovens: vejo a luz em seus olhos, a energia de seus corpos e a esperança que está em seu espírito. Sei que são vocês, e não eu, que consertarão nossos erros e levarão adiante tudo o que está certo no mundo.

Se eu pudesse, de boa fé, prometer-lhes a infância que tive, eu prometeria. Se eu pudesse prometer-lhes que cada um de seus dias será de aprendizado e de crescimento, eu prometeria. Se eu pudesse prometer-lhes que nada – nem guerras, nem pobreza, nem injustiças- privará vocês de seus pais, de seu nome, de seu direito a uma boa infância, e que essa infância levará vocês a uma vida plena e frutífera, eu prometeria.

Mas prometerei apenas o que eu sei que posso cumprir. Vocês têm a minha palavra de que continuarei a aplicar tudo o que aprendi no começo de minha vida, e tudo o que aprendi a partir de então, para proteger os seus direitos. Trabalharei todos os dias, de todas as maneiras que conheço, para apoiá-los enquanto crescerem. Buscarei suas vozes e suas opiniões, e farei com que outras pessoas também as ouçam.

Trecho extraído da publicação Situação Mundial da Infância: “Our promise to the world’s children”, 2001 Unicef. Fonte: https://www.unicef.org/sowc01/our_promise.htm (acesso em: 30/04/2017).

6. MANDELA Nelson. Meus Contos Africanos (Português). Ed. Martins Fontes. 2010.

Eles tinham consciência de que estavam unidos a crianças do mundo inteiro nessa comunhão com o grande líder e mostravam-se muito responsáveis diante desse “compromisso”.



Crianças deixam pedras com mensagens fora da residência de N. Mandela (12/06/13) ⁷

Durante os dias do funeral, que pudemos seguir pelos telejornais, a classe acompanhou tudo, com muita emoção, e decidimos também fazer a ele uma homenagem em sala de aula. Sentamos no chão, na usual roda de conversa, e instalamos um *poster* do Mandela na lousa, para que cada um pudesse levar uma flor e dizer uma breve mensagem de agradecimento pessoal pelo que ele significou para cada um e para o mundo. Foi um momento inesquecível para a classe, um momento construído pelas próprias crianças.



Flores, velas e mensagens de condolências para a família de Nelson Mandela, são deixadas em praças em Johannesburgo; morto na quinta-feira, dia 5. (7/12/13) ⁸

⁷ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/album/2013/06/09/homenagens-a-nelson-mandela-pelo-mundo.htm#fotoNav=208> (acesso em: 30/04/2017).

⁸ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/album/2013/06/09/homenagens-a-nelson-mandela-pelo-mundo.htm#fotoNav=208> (acesso em: 30/04/2017).



As crianças fazendo a Cerimônia de Despedida na sala de aula, homenageando Mandela (2013).

Ninguém pode avaliar o impacto que, em cada caso, essa prolongada experiência de acompanhar a trajetória de Mandela produziu (e produzirá) na vida daquelas crianças. Mas fui sua professora nesses 5 anos e algumas impressões nessa trajetória parecem-me importantes.

Por exemplo, o Isaque, o mais tímido da turma – a ponto de a mãe pedir-me no início do ano que a ajudássemos a lidar com esse retraimento – um dia, ofereceu-se como voluntário para relatar a todos os pais, na última reunião de pais do ano, o que a classe considerou o que de mais importante havia ocorrido naquele 2013: o acompanhamento da vida e morte de Nelson Mandela.

A emoção de ver essa superação que o Isaque conquistou é mais um bem que devemos a seu encontro com Madiba.

<p>QUANDO MANDELA ESTAVA DOENTE, EU ESTAVA ORANDO PARA QUE ELE FIQUE MUITO MELHOR PORQUE SE ELE MORRESSE, EU IRIA CHORAR. MAS UM DIA MANDELA FALCEU E ENTÃO NA REUNIÃO DE PAIS, EU TOMEI CORAGEM E EU APRESENTEI UM POUCO DA HISTÓRIA DO NELSON MANDELA. EU FALEI ASSIM: "O NELSON MANDELA FICOU PRESO POR MUITO TEMPO. ISSO FOI TRISTE PORQUE ELE FICOU LÁ POR MUITO TEMPO. EU ACHO QUE É 27 ANOS NA PRISÃO. MAIS DEPOIS DE SAIR DA PRISÃO, ELE FICOU MUITO DOENTE. EU ESTAVA ORANDO PARA O NELSON MANDELA. DEPOIS QUE APRESENTEI O MANDELA PARA OS PAIS, EU SENTI NO CORAÇÃO MUITO FELIZ PARA TOMAR CORAGEM E TAMBÉM FALAR SOBRE UM POUCO DA HISTÓRIA DO NELSON MANDELA. ISAQUE</p>	
<p>Quando Mandela estava doente, eu estava orando para que ele fique muito melhor, porque se ele morresse, eu iria chorar.</p> <p>Mas um dia Mandela faleceu e então na Reunião de Pais, eu tomei coragem e eu apresentei um pouco da história do Nelson Mandela. Eu falei assim: "O Nelson Mandela ficou preso por muito tempo. Isso foi triste, porque ele ficou lá por muito tempo. Eu acho que é 27 anos na prisão, mas depois de sair da prisão, ele ficou muito doente, eu estava orando para o Nelson Mandela.</p> <p>Depois que apresentei o Mandela para os pais eu senti no coração muito feliz pra (por) tomar coragem e também (por) falar sobre um pouco da história do Nelson Mandela.</p> <p style="text-align: right;">ISAQUE</p>	

O próprio Isaque relembra desse acontecimento depois de 2 anos, em 2015:



Foto1: Reunião de Pais



Foto2: Isaque (camiseta laranja), Nathiele e e as mães (2013) ⁹

Outro imenso bem decorrente desse envolvimento com Mandela foi a mudança nas regras não escritas de “acerto de contas” no recreio: as rugas, desavenças e brigas, como já dissemos, deveriam ser tratadas com a intransigência de não chegar em casa como “derrotado”. Nesse quadro, a proposta da professora no início do ano de, entre crianças, resolverem as diferenças, verbalizando as mágoas e ressentimentos, pôde visivelmente prosperar (tendência que nos anos seguintes só tem se fortalecido nessa turma).

No ano seguinte, na programação do “Dia da Consciência Negra” constava a leitura simultânea – em 10 polos de leitura na escola – de livros de mitos e contos africanos.



Cláudia, Glenda, Letícia, Evelyn Linhares, Giovana e Ana (frente),
(atrás) Evellyn Beatriz, Grazielle com a profª. Adineia (2014) ¹⁰

⁹ Foto2: Sandra (mãe da Luana de Santana Marques). Foto 2: Isaque Samuel Gongora Calle (camiseta laranja), Nathiely Y. Felix de Jesus (no canto direito com o irmãozinho recém-nascido). Da direita para a esquerda: mãe da Nathiely, Teodora (mãe do Isaque), mãe do Danilo Nelson Paukino da Silva, estagiária Maria Antônia dos Santos, Jeanneth (mãe do Joel André Colquehuanca Perez), mãe do Jordan Aldo Camacho Mauri, mãe da Geseni Lizbeth Chambi Cahuana.

¹⁰ Cláudia Freire de Barros, Letícia de Oliveira Braz, Evelyn Linhares da Silva, Ana Carolina da Silva Sousa, Evellyn Beatriz de Jesus Ferreira, Grazielle Rodrigues Oliveira.

Os alunos do ano anterior da Adineia, já agora no 3ºano, alunos da profa. Lúcia e alunos meus do 2º ano, escolheram o estudo de Mandela, em homenagem ao primeiro aniversário de sua morte. As crianças acenderam um pequeno fogo que ficou iluminando, enquanto falávamos, cada um dos sentimentos que fluíam naquele momento, lembrando dos acontecimentos de um ano atrás. A pequena chama representava o legado do Madiba que percebi que estava vivo e significativo nos corações das crianças.



Em círculo ao redor da chama, apreciando a leitura do livro.(2014)

Escolhemos como leitura o livro lançado recentemente sobre a vida desse líder: “Mandela – O africano de todas as cores” (2013) Todas as crianças que ali se reuniram estavam ansiosas para conhecer essa obra inédita. Com um texto emocionante de Alain Serres e belas ilustrações de Zaü, o livro apresenta a luta de Madiba a favor da união dos povos de todas as cores. As crianças ficaram impressionadas com as 27 páginas intermináveis nas quais descrevem, em cada uma, o acontecimento relevante do cárcere vivido pelo Mandela e pelos seus companheiros. Foram momentos em que as crianças compreenderam a longa jornada do seu amigo dentro da prisão. A seção 'Para compreender melhor', oferece material de pesquisa que inclui: palavras-chave, fotos, um mapa e uma cronologia da vida de Mandela. Muitas pediram para levá-lo emprestado para ler principalmente essas últimas páginas.



Júlio César Cardoso da Silva, aluno do 3ºano da profa. Lúcia Angela Beasucci (2014)

E em 2015, uma professora vinda do Japão em visita à nossa escola, ficou vivamente impressionada quando, ao perguntar para a turma o que eles gostariam que ela falasse sobre o Brasil para seus alunos no Japão, obteve como resposta: que apresentasse aos coleguinhas orientais a pessoa de Mandela. A Profa. Ayumi Masao perguntou-me (sussurrando em japonês) o porquê dessa resposta, já que Mandela não era brasileiro. Respondi que essas crianças não viam o mundo estabelecendo fronteiras; para elas Madiba era brasileiro e de todo o mundo. Muito comovida por essa novidade de olhar das crianças, ela perguntou, então, a elas: “Qual o segredo para a convivência no Brasil de pessoas tão diferentes?” As diversas respostas foram tão concretas e emocionantes que a Ayumi, com lágrimas nos olhos, comprometeu-se a levar essas “dicas” para o Japão.¹¹

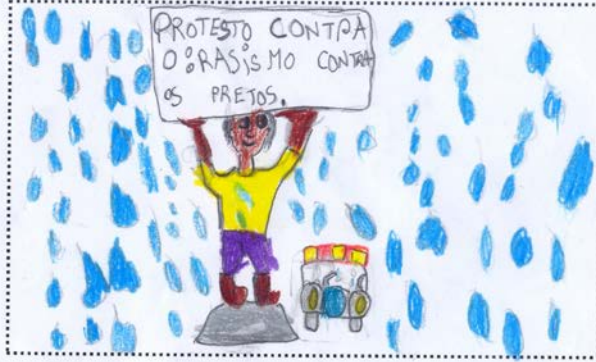


Profª. Ayumi Masao e as crianças do 3º ano B (2015).

<p>NELSON MANDELA LUTOU LUTOU PARA TODOS OS NEGROS PODE IR À ESCOLA, E COM ISSO ACABOU SENDO PRESO. ELE FICOU 27 ANOS NA CADEIA. ELE SAIU DIRETO DA CADEIA PARA O HOSPITAL EM 8 DE JUNHO DE 2013. ELE SAIU DO HOSPITAL E FOI PARA CASA. MANDELA NÃO PODIA FALAR PORQUE BOTARAM OS CANOS NA BOCA DELE. DEPOIS DE UM DIA, MANDELA TAVA NO CÉU, E EU NÃO DURMI.</p> <p>CARLOS EDUARDO</p>	<p>Nelson Mandela lutou, lutou para todos os negros pode(rem) ir à escola e com isso acabou sendo preso.</p> <p>Ele ficou 27 anos preso na cadeia. Ele saiu direto da cadeia para hospital em 8 de junho de 2013.</p> <p>Ele saiu do hospital e foi para casa. Mandela não podia falar porque botaram os canos na boca dele. Depois de um dia, Mandela tava no céu, e eu não dormi.</p> <p>Carlos Eduardo.</p>
--	--

Carlos Eduardo Matias Araújo (2015)

¹¹. Cf Sobre a experiência com a profa. Ayumi Masao: <http://www.hottopos.com/isle22/95-106Chie.pdf> . Acesso em 15 de abril de 2017.



NÓS CONHECEMOS NELSON MANDELA
 QUANDO A PROFª CHIE FALOU QUE HOMEM
 LUTAVA PELA CONSCIÊNCIA NEGRA. ELE
 FICOU NA PRISÃO POR QUASE 30 ANOS.
 ESSA PESSOA FOI DEPOIS PRESIDENTE
 DA ÁFRICA. MANDELA ENSINA QUE NÓS
 DEVEMOS LEMBRAR DE UMA COISA:
 "DE NUNCA BRIGAR POR CAUSA DE UMA
 COR DIFERENTE?"
 Ass.: Joel André

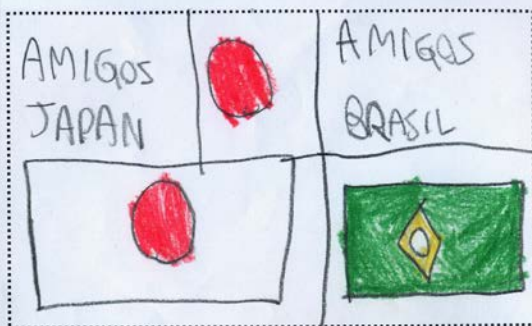
Nós conhecemos Nelson Mandela quando a profª. Chie falou que homem lutava pela consciência negra.

Ele ficou na prisão por quase 30 anos. Essa pessoa foi depois presidente da África.

Mandela ensina que nós devemos lembrar de uma coisa: "De nunca brigar por causa de uma cor diferente".

Ass.: Joel André

Joel André Colquehuanca Perez (2015)



AGENTE CONHECEU O NELSON MANDELA QUANDO
 A PROFESSORA COMEÇOU A FALAR DELE.
 AÍ AGENTE COMEÇOU ORAR E A GENTE
 PESQUISOU NO JORNAL SOBRE SE ELE
 ESTAVA BEM OU MAL. EU SENTI DEPOIS
 DA PESQUISA QUE ELE ENSINOU QUE A
 GENTE TEM QUE AMAR AS PESSOAS. EU
 ACHO QUE A GENTE TEM UM ANIMAL DENTRO
 DO CORPO. O MEU É UM PITIBULL, É BRAVO!
 TODAS AS PESSOAS TEM UM ANIMAL DENTRO DELAS.
 O MANDELA ENSINOU QUE A GENTE TEM
 QUE CUIDAR DESSE ANIMAL
 KAUÃ MARTINS

A gente conheceu o Nelson Mandela quando a professora começou a falar dele. Aí, a gente começou orar e a gente pesquisou no jornal sobre se ele estava bem ou mal.

Eu senti depois da pesquisa que ele ensinou que a gente tem que amar as pessoas.

Eu acho que a gente tem um animal dentro do corpo. O meu é um pitibull, é bravo.

Todas as pessoas tem um animal dentro delas. O Mandela ensinou que a gente tem que cuidar desse animal.

Kauã Martins

Kauã Martins de Brito (2015)



Homenagem à profa. Adineia na parede interna da escola pelo artista prof. Renê Miguel da Silva Trindade (2016).

No início de 2016, a Profa. Adineia veio a falecer, após afastamento por doença. Uma imensa tristeza abateu-se sobre as crianças e sobre a nossa escola, na qual ela trabalhou desde 2005, alfabetizando centenas de alunos. A escola atende sobretudo crianças dos conjuntos residenciais populares da Zona Norte de São Paulo: “Parque do Gato” e “Cingapura Zaki Narchi”, e atualmente, também de um prédio ocupado, recebe, na sua maioria, filhos de migrantes de toda parte do Brasil e de imigrantes e seus filhos da América do Sul e refugiados da África.

Adineia sensibilizada com a situação de vulnerabilidade social e de muita violência da nossa região de Santana / Carandiru, optou por permanecer como parte desta comunidade, e adotar como sua missão a Alfabetização Inicial dessas crianças que apresentavam muitas dificuldades no início da sua escolarização. Isso por 11 anos ininterruptamente. Ela própria, na sua infância, muito atribulada, cresceu na zona Norte, e por essa relação afetiva com a região, seguiu por todo esse tempo a trajetória diária de metrô, de zona Leste para zona Norte.

São Paulo, 17 de fevereiro de 2016.

De Carla para Adineia

Profa. Adineia, você é uma professora muito inteligente como o André. O meu irmão (seu aluno), ele ajuda muita gente igual você. Você ficou internada, eu fiquei muito preocupada. Eu fiquei sabendo que você estava muito doente e vomitando. É muito triste (a sua partida).

Você gosta muito do Nelson Mandela. Sua vida é muito igual a Nelson Mandela. Você ajudou as crianças que não sabia ler nem escrever. Muito legal.

um abraço de coração, Carla

Carla Cristina Aragão dos Santos (2016)

São Paulo, 17 de fevereiro de 2016.

Professora Adineia

Adineia, eu sinto muito por a senhora morrer. Você é como uma mãe pra mim. Gosto tanto de você como uma mãe.

Eu te amo. Professora Adineia é guerreira igual Nelson Mandela.

Se eu tivesse pegado (ser aluno de) você como professora, eu queria que você fosse minhas mãe. Professora Adineia, para você me conhecer, eu sou menino negro, gordinho, cabelo enrolado.

Ass: Carlos Eduardo

Carlos Eduardo Matias Araújo (2016)

Nos escritos das crianças, com suas recordações dessa querida professora, destacaram-se as lembranças de seu envolvimento com Mandela e de como vinha à nossa classe para informar-se de seu estado de saúde (naturalmente, fazia isso pelas crianças...; ela já estava muito bem informada). As crianças – não só as que tinham sido alunas dela, mas mesmo as de minha sala – ressaltaram também, na mesma linha dos ideais inspirados por Madiba, sua opção pelo trabalho de primeira alfabetização: ensinar os rudimentos do ler e do escrever para as crianças de nossa comunidade. Comovi-me com essa fina sensibilidade: ninguém lhes tinha chamado a atenção para esse fato, que, talvez, tenha passado despercebido para muitos adultos, funcionários e até colegas da Adineia.

Um outro episódio importante deu-se com minha estagiária de 2015, Gisele de Souza Nunes. Em junho de 2016, quando de sua despedida ao final do estágio, resolvemos dar-lhe como presente o livro sobre Madiba, de que tanto as crianças gostavam.



A estagiária Gisele recebendo das crianças o livro sobre Mandela (2016).

Na primeira página do livro, uma mensagem elaborada em redação coletiva, por todos da classe; que, quando Gisele e eu tomamos conhecimento dela (eles leram para nós), ficamos fortemente impactadas:

São Paulo, 22 de junho de 2016.

Querida Gisele,

Esse livro é para você em nome da classe. Entregamos com todo amor e carinho para você ler com sua futura sala.

Nelson Mandela batalhou pela honra da sua cor, para libertar a raça negra e branca.

Você é batalhadora que nem o nosso Mandela que nunca desistiu e nunca vai desistir. Com certeza você vai ser batalhadora sempre. Obrigada por ficar conosco e ter ajudado tanto a gente.

Representação da classe: Joel, Melyssa, Dimas, Carlos Eduardo, Carlos Henrique, Cláudia, Luana, Wallison, Sara, Victor, Beatriz, Lydslen, Amanda, Isaque, Kauã Martins, Kauã Gabriel, Patrícia, Carla, Lawyn, Lizemeyre, Gabriel, Jucielle, Kyara, Geovanna e Ana Luiza.¹²

¹². Joel André Colquehuanca Perez, Melyssa Lorraine de Oliveira Dias Sena, Dimas Sousa Cordeiro, Carlos Eduardo Matias Araújo, Carlos Henrique Batista, Cláudia Freire de Barros, Luana de Santana Marques, Wallison Paulo Camargo de Oliveira, Sara Victoria Cantalejo Ferreira, Victor Pereira dos Santos, Beatriz Fernandes de Barros, Lydslen Kailany Rodrigues dos Santos, Amanda Stephani dos Santos e Silva, Isaque Samuel Gongora Calle, Kauã Martins de Brito, Kauã Gabriel da Silva Martins de Sousa, Patrícia Rodrigues da Silva, Carla Cristina Aragão dos Santos, Lawyn Andreoti de Lima, Lizemeyre Silvina Rodrigues, Gabriel Guimarães Pereira, Jucielle dos Santos Santana, Kyara Lima de Sousa da Silva, Geovanna Alves Santos do Nascimento e Ana Luiza Soares de Castro.

Certamente, cada leitor terá seu próprio modo de emocionar-se com esse texto, com sua finíssima referência à libertação de toda a humanidade, para além das raças. Para mim, o mais tocante é o fato de que, em um ano de convivência diária com essa jovem aspirante à docência, essas crianças puderam identificar, em sua força e determinação, em seu sonho de ser professora, o espírito de Mandela.

Penso que uma tal certeza, incomum em crianças de 9 anos, só pode ter advindo da identificação que notaram entre o Mandela que tinham introjetado e as atitudes da Gisele em sala de aula. Da mesma maneira que encontrou no modo de viver da Prof^a. Adineia a semelhança com o líder mundial.

Uma novidade importante foi a chegada da Esther de Jesus Lola Kana, refugiada de Angola na nossa classe em novembro de 2016, nascida e vivida na infância em Johannesburgo. Era a primeira aluna na nossa escola que conhecia a África do Sul: “Parece que o Nelson Mandela mandou a Esther para a gente!” “Nossa, nem dá para acreditar que a Esther estava na mesma cidade quando todo mundo estava orando pela melhora do Mandela”, “Será que a família dela foi no enterro do ex-presidente do país dela?”

A presença da Esther reabriu para a classe muitas curiosidades sobre o país do Mandela e também sobre Angola. Uma das coisas impactantes para as crianças foi descobrir pela Esther que os alunos da sua escola em Angola tinham aulas de natação e treinava badminton, sem nenhum custo (uma aula da qual ela sentia muita falta aqui, pois as nossas escolas públicas não a proporcionam aos alunos). E o projeto dela de, em breve, mudar de São Paulo para Paris, fez todos sonharem com uma excursão futura conjunta para lá à procura dela, naturalmente, depois da viagem à Bolívia para visitar o colega Joel (já na faculdade) em sua, agora, segunda pátria.



Os alunos do 4º ano pedem para tirar uma foto com o poster de Mandela no final de ano (2016). Esther, Carlos Educaro, Isaque, Patrícia, Joel, Pedro, Lawyn, Melyssa, Carla, Dimas (em pé, da esquerda para direita) Geovanna, Jucielle, Kyara, Chie, Raul, Gabriel, Kauã, Lizemeyre, Ana Luiza e Amanda (sentados) ¹³.

Sr. Constantino, pai da Esther, que se comunicava por meio de ligação internacional com a filha e recebia as informações da sua vida escolar pela professora por meio de fotos e vídeos, ficou muito surpreso quando soube que as crianças faziam questão de entrar nessas fotos que mandava para ele: “A foto que vai até Johannesburgo, não é, professora? Eu quero!” “Eu amo essa cidade porque é a cidade do Mandela!!” A aluna Patrícia pediu para Esther perguntar pelo whatsapp ao pai que mora na capital da África do Sul, se ele já tinha conhecido o Museu

¹³. Esther de Jesus Lola Kana, Pedro Lucas Vieira Santos de Souza, Raul Victor de Castro Pincelli.

do Nelson Mandela¹⁴, pois o lugar do mundo que mais queria conhecer era África do Sul na cidade onde viveu o Madiba e os seus companheiros de prisão.



Lawyn, Carla e Patrícia (2016)

O Sr. Constantino nos envia uma mensagem (15/05/17):

(de Johannesburgo)

Bom dia, professora e crianças do 5º ano B.

É com muito prazer que recebi a tua correspondência. Assim que tenho a evolução da Esther na escola. O vídeo foi um sucesso, gostei bastante, Todos os dias vejo este vídeo. Não é fácil de viver longe da filha que amo tanto. Hoje é o aniversário da Esther, ela nasceu dia 15 de maio de 2007. Obrigada pelas fotografias das crianças. Gostei bastante do ambiente. Assim, desejo-lhes uma boa continuação. Obrigado também de ter falado de mim na reunião (de pais). Comprimento toda a turma com amor e carinho.

A cerca de África do Sul, é um bom país, a cidade de Johannesburgo onde nasceu a Esther é uma cidade linda e limpa. A Esther nasceu no bairro de *Roseten ville* e nós moramos no bairro *Treyoville*. O presidente Mandela tinha uma casa também no bairro de *Randburg*. Naquele bairro há uma grande igreja chamada *Rhema ministry*. Ela é uma das referências daquele bairro. Por toda cidade de Johannesburgo tem fotografias de Mandela. Há também uma grande paragem em Johannesburgo chamada "*Esquare Mandela*" no Pretória tem uma estátua de Mandela.

Parabéns para meninas que tiraram uma fotografia com a imagem de Mandela e a menina Patrícia. Parabéns também a toda turma. Deus vos abençoe todos. Abraço.

Constantino

¹⁴. Museu do Apartheid (Johanesburgo). Inaugurado em 2001, é reconhecido como o principal museu do mundo a abordar a história da África do Sul no século 20 – especialmente o Apartheid, ilustrando sua ascensão e queda. O estabelecimento tem uma exposição permanente chamada "Mandela: Líder, Camarada, Negociador, Prisioneiro, Estadista". Site: www.apartheidmuseum.org

2017, meu último ano com os alunos, que tinham conhecido Madiba aos 6 anos, e agora estavam com 10, 11 anos.

Ao crescer, cada vez mais atenta ao seu visual, ouvi numa conversa informal algumas meninas comentarem que não gostavam da cor da sua pele. Foi uma surpresa para mim; apesar dos anos todos de trabalho, o preconceito de cor da sociedade é tão intenso, que é capaz de exercer essa pressão sobre nossas crianças... Convidamos para uma palestra a Profa. Maria Virgínia André Cresta, que desenvolve um trabalho de danças com os alunos da nossa escola, para nos falar sobre o projeto “D.N.A. - Diversidade, Negritude e Ancestralidade”.

Depois dessa reflexão, os alunos registraram seus depoimentos – colocando livremente suas angústias sobre a cor da pele – e não faltaram referências a Mandela para norteá-los na busca de suas identidades.

São Paulo , 21 de setembro de 2017

A África é um lugar muito exemplar. Que todos, todas as pessoas, nasceram lá.

Quando você vai para um outro lugar (outro país), acontece a seguinte coisa:

Eles tem que se acostumar de certo modo (ao ambiente), por exemplo os africanos que tiveram que ficar resistentes ao sol. E ficaram queimados. Por isso a cor deles é assim.

O Japão por exemplo para viver lá, os olhos puxados e o nariz um pouco para trás. Os brasileiros são um outro exemplo: porque nós ficamos brancos negros e morenos, não muito iguais, Novidade: são muito diferentes um do outro.

A África é um lugar exemplar porque eles inventaram a cirurgia de cabeça e outras coisas!! Há muito tempo atrás!

E nesse lugar, na África, nasceu uma criança que quando virou adulto, fez tudo o que podia e conseguiu a liberdade dos negros. Ainda por cima, virou presidente da África, mas morreu em 2013, quando eu estava no 1º. ao, infelizmente, mas ele me incentivou a minha vida toda!

Voltando aos africanos, eu vou dizer uma verdade... Nós todos somos Africanos, apenas mudamos de país!!!

Kyara Lima de S. da Silva

No último dia de aula do Fund. I, (pois em 2018, as crianças estariam iniciando o Fund. II), ao celebrarmos os cinco anos de convivência diária, cada aluno recebeu como lembrança o livro do pequeno Mandela, aquele que tanto eles folhearam no seu 1º ano.

Breves considerações finais

Uma das tarefas da escola – especialmente nos dias de hoje, em que a convivência é tão problemática – é estudar e construir junto com a nova geração os valores humanos de forma verdadeiramente significativa. Os valores morais, como sabemos pelo olhar pieperiano da *prudentia*, devem ser ao mesmo tempo sólidos e flexíveis, pois em cada época e situação precisam ser dialogados e ajustados de acordo com a realidade: a que encontramos no aqui e agora. E o que qualquer educador questiona é: como os educandos (e educadores) realmente podem aprender valores como: amor ao próximo, não ao racismo, justiça, solidariedade...?

E é que o mundo escolar (naquele sentido concreto de que fala a Profa. Roseli Fischmann: “o chão da escola”) e nosso mundo como um todo, estão vivos.

Gosto como o pensador Silvio Horta (in CASTRO, 2013, p.139) nos explica uma das grandes intuições de Ortega y Gasset, a ideia de que: “é pensar a partir dessa realidade, dessa vida concreta que é a vida de cada um”. E a opção que faz para a expressão: “vida biográfica”:

Ortega y Gasset não fala da vida em geral. Hoje a vida é identificada com o organismo, com a biologia. Ele mesmo diz que é uma pena que a biologia tenha se apoderado da palavra vida. É por isso que prefere a expressão “vida biográfica” para se referir à realidade da vida de cada um. Você tem essa intuição quando diz, por exemplo: “Minha vida esta semana está um caos”. Não se trata da vida orgânica, biológica ou abstrata, mas da vida concreta, desta vida que estamos vivendo aqui e agora. (...)

A famosa sentença de Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância” significaria:

Eu me encontro nessa realidade que é a minha vida, realidade onde aparecem todas as outras realidades. Isso não significa que a vida seja a realidade mais importante, mas é a realidade em que todas as outras realidades têm de aparecer para que tenham realidade para mim. Daí Ortega chamar a vida de realidade radical.(...)

A frase completa de Ortega y Gasset é esta: “Eu sou eu e minha circunstância e, se eu não a salvo, não me salvo a mim”. Ele fala da “reabsorção da circunstância” como nosso destino concreto. Em outras palavras, sua realidade se faz com sua circunstância.

Vemos nesta experiência narrada que a descoberta de valores pelas crianças pode ser muito rica quando a sua aprendizagem se faz por meio de um encontro com uma pessoa de carne e osso, alguém contemporâneo, que divide com você este mesmo mundo. Seria o encontro e os encontros, nas palavras do Ortega y Gasset, na “vida biográfica”, na realidade da vida de cada um.

Notamos que esse tipo de encontro enfatiza o quanto a aprendizagem se faz numa realidade relacional. A fecundidade deste tipo de encontro, tem o poder de extrapolar até o espaço físico. As crianças não puderam ir até Johannesburgo para se encontrar pessoalmente, face a face, com o grande líder. Mas observando-as, não podemos duvidar de que elas se encontraram com Mandela. A força da abertura para o Outro do Madiba permitiu que nossas crianças brasileiras chegassem ao encontro dele e participassem da sua vida, neste caso, em seu último ano...

Horta nos explica (in CASTRO, 2013, p. 140):

Nossa vida é radicalmente convivência. Ninguém existe isolado. A gente se descobre ao descobrir o outro. Ante de ter consciência de si mesmo, você já convive com o outro. Nessa convivência familiar, você recebe os usos, crenças de outros que viveram antes de você. Desse modo, nossa realidade é também social e histórica.

A partir dessa experiência relacional, pela força da mensagem do personagem, as crianças tiveram acesso a valores humanos, a ponto de internalizarem e reconhecerem em outras situações, os mesmos valores vistos no amigo que partiu. Não podemos esquecer que foram as crianças que repararam em algo em comum entre Mandela e a profa. Adineia. Nesse reconhecimento não vemos em nenhum momento a relação da cor da pele entre eles. Ou melhor, em todas relações que as crianças fizeram durante o contato com Mandela, não vemos a distinção entre afrodescendente ou não afrodescendente. Lembremos que, mesmo na visita da professora Ayumi, o que mais a espantou foi a não distinção que as crianças demonstraram entre

brasileiros e não-brasileiros, quando falaram de Mandela como algo do Brasil que elas queriam apresentar às crianças japonesas. Como na redação da Kyara, na qual ela propõe que todos somos africanos...

Esse **não** observar a “nacionalidade” (cor, raça etc.) das pessoas (que espontaneamente as crianças trouxeram em sua visão do mundo) numa sala de aula com colegas de culturas tão diferentes (países e regiões do Brasil) é muito importante (e uma instalação na vida, que é uma lição para muitos adultos...) e não tem nada que ver com imaturidade intelectual ou mera negação da diversidade: é, sim, o “confundente”¹⁵ da abertura para o outro. Atitude construída a partir da vivência de anos e de protagonizar sua história de vida, em um meio de grande diversidade (na comunidade, na equipe da escola, nos colegas...).

Atitude diferente do discurso “profissional” de pesquisadores que se especializam em imigração e escolarização e que começam a usar em seus textos acadêmicos expressões como “alunos bolivianos” para se referir aos brasileiros com pais bolivianos. E para os brasileiros com pais refugiados de Angola, “alunos africanos”; para os filhos dos coreanos que falam a língua materna em casa, “crianças coreanas” etc. Importam, assim, o padrão dos pesquisadores de países europeus nos quais a cidadania não é automática pelo mero fato de nascer em suas terras. Não percebem que, com isso, introduzem os leitores a uma literatura acadêmica muito difundida na Antropologia norte-americana e direcionam nossos profissionais da educação a terem olhares discriminatórios (no sentido de distinguir, mesmo sem a conotação negativa) o que me deixa muito preocupada.

Não podemos esquecer que o Brasil é um país que garante a cidadania se o nascimento ocorre em seu território. E essa característica importantíssima nunca é colocada em pauta. Por isso, é muito conveniente nos aproximarmos da forma com que o colega, Prof. Juscelino Passos Pereira de Almeida¹⁶, em suas práticas e intervenções pedagógicas, optando por considerar **todos** os alunos da nossa escola como “migrantes”, ou seja, considerando todos como seres humanos que não mais se relacionam com sua cultura e vida da terra natal delas ou de seus ancestrais, mas que preservam (conscientemente, ou não) sua ligação com as origens. E que se aproximam por estarem numa situação vulnerável socialmente, em condição econômica que dificulta a inserção social. Lembrando Elias (2000): sua atual condição é fruto da mobilidade social, a de um estranho no sentido espacial e cultural.

Afirmar isto não tem nada que ver com assentir ao movimento de homogeneização, de naturalização ou de desconsideração das situações diversas vivenciadas por nossos alunos. Sabemos que cada vez mais, nos territórios urbanos do Brasil, tornam-se visíveis os desafios da formação pedagógica para a questão da diversidade da clientela escolar. Mas também, a cada construção de um termo novo para designar um grupo de alunos ou outro, corremos um risco nas nossas representações sobre eles: pois como diz Lauand, a linguagem recorta a realidade.

Eu mesma já compartilhei essa minha preocupação em artigo anterior:

Nessa clave, pode ocorrer uma disfunção: quanto mais buscamos descrever, identificar o “outro”, mais nos distanciamos dele. Até porque esse processo transforma o outro que buscamos compreender em “objeto de estudo”. São as limitações impostas pela herança que temos de nossa ciência, sempre insuficiente quando se trata de estudar um “objeto” em assuntos pedagógicos específicos de convivência entre seres humanos diferentes. (HIROSE, 2013, p.129)

Entretanto, o que notamos é a importância de não esquecer que quando queremos conhecer separando ou desunindo, estamos separando artificialmente o inseparável, pois tudo

¹⁵. Para o fecundo conceito (tão presente na visão de mundo e na educação dos Orientais) de “confundente”, o valor de não distinguir, cunhado na filosofia de Ortega/Marías (“O pensamento confundente é muito importante e é um complemento para o pensamento que distingue”), cf. por exemplo, o próprio Marías: <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm> (Acesso em 15 de abril de 2017).

¹⁶. Cf. <http://www.hottopos.com/convenit14/39-44JuscAnt.pdf>. (Acesso em 15 de abril de 2017).

está relacionado, no aqui e agora para quem está protagonizando a história, no chão da escola. Como diz Morin:

Ora, o problema não é reduzir nem separar, mas diferenciar e juntar (...) já que *complexus* significa “o que é tecido junto”, o que dá uma feição à tapeçaria. O pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações. Isso me parece *vital*, principalmente na vida cotidiana, como já mencionei: espontaneamente tentamos contextualizar. (MORIN, 1999,pg.33)

Como construir situações de práticas pedagógicas em que a educação se centra na compreensão do humano sem o segmentar, mas em sua complexidade. Como considerar o ser humano simultaneamente em seus aspectos biológico, psíquico, social, territorial, histórico, cultural, físico, espiritual, relacional? Um pensamento que isola, separa, leva ao “enfraquecimento da percepção do global, con-duz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade.” (MORIN, 2001, p 41).

Voltemos à justiça de que falou Pieper no início deste artigo: a que trata da abertura para o Outro – ou, ao menos, o reconhecimento do direito do Outro (e melhor ainda, se tivermos a preocupação de zelar pelo direito dos outros...). Bosco nos revela que, nos últimos anos, nossa sociedade brasileira optou por tratar os problemas de justiça e igualdade buscando o reconhecimento daqueles que eram invisíveis nas representações da identidade brasileira que se construiu na política nacional, que ofuscou as relações de forças sociais que regem a sociedade. As lutas sociais identitárias existem há tempo no Brasil, mas Bosco mostra que elas “retornaram, nos últimos anos, com uma intensidade sem precedentes” (BOSCO, 2017, p.10).

Quem está na sala de aula percebe o quanto as lutas identitárias têm conduzido a salutares mudanças nas práticas pedagógicas. A consciência dos profissionais da educação de que há várias vozes que foram caladas ao longo dos séculos tem aumentado. A luta contra o preconceito faz parte de vários projetos educacionais e graças a política de cotas, muitos alunos nossos que não conseguiam vagas nas faculdades, têm ingressado nesse espaço. As instituições públicas de educação não podem mais ignorar os direitos dos grupos minoritários. O que nós educadores precisamos fazer para que essas lutas identitárias possam produzir transformações de justiça e igualdade para todos, é além de reconhecer sua legitimidade e relevância, não esquecer de, ao mesmo tempo, intensificar e fazer com que tanto os professores quanto os alunos exercitem o “pensamento confundente” em nossa realidade. Que o pensamento complexo, sistêmico, relacional, tenha espaço em nossas práticas cotidianas, para que encontremos um equilíbrio na busca de direitos e deveres.

Um exemplo nos ajudará a compreender mais concretamente a dinâmica confundente/”distinguente” que estamos propondo. Na preparação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (2018), alguns organizadores, com razão, alertavam para a necessidade de ampliar o espectro contemplado (de LGBT para LGBTQ+, LGBTI etc.). Para que este refina-mento de *distinção* ocorra com sucesso é necessário seu contraponto: que, por exemplo, na escola, seja promovida a fila “confundente”, que não bifurca meninos e meninas em duas filas diferentes – e em ordem de tamanho –, como impõe a tradição... São já quase vinte anos que faço fila única, em ordem alfabética, e ainda sou *avis rara* na escola. Faço com que a fila – para ir ao refeitório, quadra, portão de saída etc. – seja encabeçada (não pelo professor...) cada dia por um/uma líder diferente, com autonomia para escolher o trajeto. E, por vezes, subvertendo a própria ordem alfabética, de acordo com o princípio de que “os últimos serão os primeiros”, ou até sem fila... Com isto, experimento a pedagogia de que é pelo corpo que se produz o pensamento, no caso, o “pensamento confundente” (uma vez mais, a recorrente referência à Pedagogia Oriental).

Se Pieper assenta a justiça como reduto necessário aí onde não se pode esperar amor; afirma também a excelência do abrir-se para o Outro em uma dimensão maior, aquela personificada por Nelson Mandela, que encarnou o ideal do *Ubuntu*.

Para terminar, um acréscimo ao relato inicial: hoje, maio de 2018, recebi na classe a inusitada visita de cinco ex-alunos, atualmente no 6º. ano. Essas crianças, além de reencontrar a professora, quiseram permanecer por algumas horas com os meus novos alunos de 5, 6 e 7 anos. Rapidamente, elas atenderam ao meu pedido de acompanhar os exercícios de alfabetização que estávamos começando. Foi uma grande alegria para os pequenos que receberam carinho e atenção especial dos ex-alunos da professora. Na hora da despedida, a fala dos visitantes tocou-me profundamente: “- A gente pode voltar de novo para ajudar a senhora”. “- Quer que a gente leia livro para as crianças?” “- A senhora já leu o livro do Madiba?” “- Como? A senhora ainda não falou do Mandela para eles???” “- Pode deixar, professora, a gente traz o nosso livro para lermos para as crianças...”

Referências

- BARBOSA, Rogério Andrade. Madiba: o menino africano, São Paulo: Cortez. 2011.
- BOSCO, Francisco. A vítima tem sempre razão?: Lutas indentityárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Todavia. 2017. 1ªedição.
- CASTRO, Roberto C. G. Filosofia da vida concreta – Antropologia metafísica e Educação – Entrevista com Sylvio Roque Guimarães Horta. In Educação & Linguagem. Ed. Univ. Metodista de S. Paulo; vol.16, nº2, jul.–dez., 2013pp. 137-144.
- ELIAS, Norbert. SCOTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- HIROSE, Chie. Pensamento confundente e corpo na antropologia oriental e na educação inclusiva in Educação & Linguagem • v. 16 • n. 2 • 114-, jul.-dez. 2013.
- MANDELA Nelson. Meus Contos Africanos (Português). Ed. Martins Fontes. 2010.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo/Brasília: Ed. Cortez/Unesco, 2001.
- _____. Por uma reforma do Pensamento. in PENA-VEJA, Alfredo e NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. (org.) O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond. 1999. 3ª edição. (pp. 21-34)
- OBAMA, Barack. Full text of US President Barack Obama’s speech at Nelson Mandela’s memorial service, 10-12-2013. Disponível em <http://www.prospectmagazine.co.uk/blogs/prospector-blog/full-text-of-us-president-barack-obamas-speech-at-nelson-mandelas-memorial-service> . Acesso em 18-03-17
- PIEPER, J. El derecho ajeno In: __. La fe ante el reto de la cultura contemporánea. Madrid: Rialp, 2000.
- SERRES, Alain. Mandela – O africano de todas as cores (tradução André Telles). São Paulo: Ed. Pequena Zahar.2012. (Indicado para crianças a partir de 9 anos e para todas as crianças que querem conhecer melhor a vida do Mandela).